UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

25

INSCRIÇÕES 113-117



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1988 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'Encarnação Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





PLACA FUNERÁRIA DE CAMPO MAIOR

Гото 113

Canto inferior direito de uma placa funerária de mármore branco do tipo Estremoz-Vila Viçosa, de grão muito fino e superfície bem polida. Foi recolhida à superfície, no sítio da Avelada, freguesia de S. João Baptista, concelho de Campo Maior. Está depositada no museu municipal, sem número de inventário.

Campo epigráfico rebaixado, limitado por moldura do tipo gola directa.

Dimensões: $(32,3) \times (30,7) \times 15,9$.

[...] / [...]ONIS F(ilius vel -a) / [...] [AN]N(orum) . L.X (sexaginta) . H(ic) . S(itus vel -a) . E(st) . S(it) . / [T(ibi) . T(erra) . L(evis) .] [...]VSTVS / 5 [F(aciendum) C(uravit)].

Aqui jaz ..., filho(a) de..., de sessenta anos. Que a terra te seja leve. (...)usto mandou fazer.

Altura das letras: l. 3: 5,5/5,6; l. 4: 3,2/3,4. Espaços: 3: 1,4/1,8; 4: 0,7/1; 5: 4,8/5,2.

Numa l. 1, estaria a identificação do defunto, eventualmente não precedida da invocação aos deuses Manes.

Do O que reconstituímos na l. 2 resta parte da curvatura da direita; o N está quase completo; do I e do S temos a metade inferior. Lemos F a seguir: -onis é terminação habitual de genitivo (e, por isso, estaríamos em presença do patronímico — CATVRONIS?); há um espaço separativo entre o S e a letra seguinte de que só é perceptível o arranque inferior duma haste vertical.

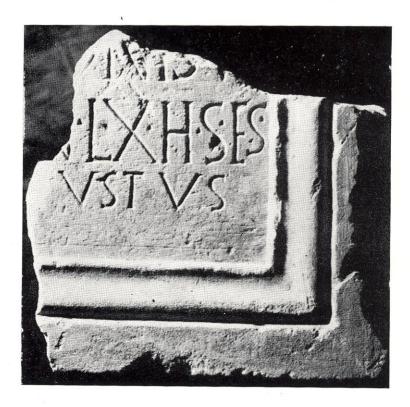
Na l. 3, antes da indicação da idade poderia haver um cognome — assim se justificaria o aperto da fórmula à direita.

Na l. 4, a conclusão da fórmula final é óbvia, seguindo-se-lhe a menção do dedicante, identificado apenas por um nome — o que está de acordo com o facto de, na identificação do defunto, o patronímico vir expresso à maneira indígena. Dado que não é visível a terminação da letra precedente, não se pode reconstituir esse nome: IVSTVS?, FAVSTVS?...

Apesar das linhas de pauta, bem perceptíveis inclusive na linha final, a paginação não foi cuidada: a fórmula encavalita-se no termo da l. 3 e o nome do dedicante apresenta espaços interliterais bastante irregulares. Pontuação triangular, usada decerto também com efeito decorativo, se atendermos ao ponto a meio do numeral e no final da l. 3. Aí houve, porém, a preocupação de colocar os pontos nos únicos espaços disponíveis. Caracteres actuários, de ducto irregular: hastes oblíquas pronunciadas (X e V muito abertos), vértices acentuados com barras, S de inclinação heterogénea mas com uma ligeira tendência para a simetria.

Pela paleografia e pelo tipo de moldura, afigura-se-nos monumento da segunda metade do séc. I da nossa era.

Rogério Carvalho



Гото 113

114

MILIÁRIO DE CAMPO MAIOR

Гото 114

Encontra-se actualmente no museu municipal de Campo Maior o miliário, de granito, bem cilíndrico, já referenciado desde remotos tempos (¹). Não se pode considerar, por esse motivo, inédito — mas a circunstância de ainda não ter sido feito o estudo epigráfico que merece leva-nos a incluí-lo aqui.

O texto que ostenta resulta de uma regravação feita há muitos anos (2).

Dimensões: 145 × 35 de diâmetro.

⁽¹⁾ Assim, n'«O Archeologo Portuguez», III, 1897, p. 105, transcreve Pedro A. de Azevedo o seguinte passo das *Memorias Parochiaes de 1758*, tomo VIII, f. 572.

[«]Neste sítio estão umas colunas de pedra, obra que parece ser dos Romanos, com vários caracteres que já se não podem ler e apenas em uma delas se percebe a palavra EMERITENCIS e o tempo tem descoberto neste lugar outros sinais de edifícios».

Curiosamente, esta alusão — não incluida nos índices do volume — acabaria por escapar, durante bastante tempo, aos investigadores.

Também na *Memoria historica da Junta de Campo Maior*, de Frei João Mariano de Nossa Senhora do Carmo Fonseca, editada por Antório José Torres Carvalho (Elvas, 1912), se escreve:

[«]Pouco distante desta vila há uma ermida de campo, chamada de S. Pedro, e junto a ela descobrem-se alicerces e ruínas de edificios que, segundo tradição, são restos de alguma fortaleza dos Romanos. Afora estes vestígios, conserva-se no alpendre da ermida uma coluna de pedra de cantaria grossa, na qual se divisam sinais de inscrição e, por as letras já estarem comidas e gastadas, dela se rão pode ler mais do que a palavra 'Emeritensis'» (p. 25).

⁽²⁾ De facto, já na cópia manuscrita — começada por António Carvalho a 26 de Dezembro de 1918 — de uma Memória apresentada à Academia Real da

DOMI / NIAVS / IM ASNNE / NTIFIIG / 5 EMERI/TE

Altura das letras: l. 1 e 2: 10; l. 3: 9/12; l. 4: 10; l. 5: 12,5; l. 6: 12. Espaços: 1: 40; 2 e 3: 4; 5: 2; 6: 2,5; 7: 2; 8: 23.

Afigura-se-nos bastante verosímil a hipótese de regravação a partir de um texto incompletamente desaparecido com a erosão e os maus tratos. A epígrafe inicial ocuparia uma superfície mais larga e só esta franja, porque mais protegida, se salvou e foi avivada desajeitadamente. Assim: AVS, na l. 2, é seguramente AVG(ustus); na l. 4, interpretar-se-á, talvez, PONTIFEX; EMERITE não padece dúvida — pelo menos, à primeira vista — porque se trata da indicação de que de Mérida até ali seriam tantas milhas. Se considerarmos que o outro miliário referido por Moura e Azevedo (cf. FE 115) traz o número LIII, que poderá corresponder à distância a Mérida, capital de província, esta menção vem confirmar o que se tem escrito de que por aí passava a via Scallabis-Emerita (cf. Jorge de Alarcão, Portugal Romano, Lisboa 31983, p. 80-81).

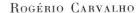
Será sempre — muito provavelmente — mera conjectura o que se disser acerca da verdadeira identidade do imperador aqui referido. E tudo gira em torno da resposta a esta questão: o texto começaria na actual l. 1, ou seja, com DOMI? Parece-nos que não, porque o módulo das letras (que poderá ter-se baseado no original) é demasiado grande para um texto iniciado com *Dominus Noster*; não teremos, portanto, um imperador posterior a Diocleciano, inclusive, porque, nesse caso, o conjunto

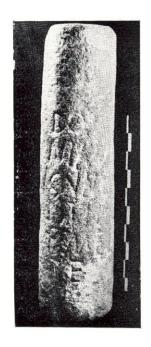
DOMI
NIKVS.....
CN NE
NTI PI IC
EMERI
TE

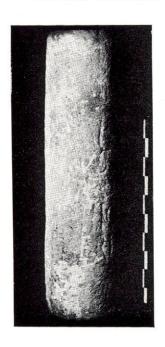
História Portuguesa por Estêvão da Gama de Moura e Azevedo, em data que, por enquanto, não sabemos precisar, e que tem por título Notícias da antiguidade, aumento e estado presente da vila de Campo Maior, tiradas de A. A. [sic] papéis autênticos e tradições antigas, e conservadas na memória de seus naturais, se refere, na pág. 2, a «coluna que está no alpendre da igreja de S. Pedro, entrando nele à mão direita» com os seguintes dizeres:

dos títulos seria incomparavelmente maior. *Domitianus* seria, por conseguinte, uma das palavras possíveis e a epígrafe poderia estar referida ao imperador Domiciano (81-96), o que justificaria inclusive o desaparecimento de parte do texto, uma vez que Domiciano sofreu uma *damnatio memoriae* que levou, como é habitual, ao desaparecimento do seu nome nas epígrafes (3).

Pensamos, no entanto, que só o estudo global dos miliários desta via, inclusive nas suas características formais, poderá relançar o problema, na busca de mais adequada reconstituição (4).







Гото 114

⁽³⁾ Cf. CIL II p. 1099. Genericamente, Domiciano traz, nas inscrições peninsulares, a seguinte identificação: IMP(erator) CAESAR DIVI VESPA-SIANI F(ilius) DOMITIANVS AVG(ustus) GERMANICVS, a que se seguem as indicações PONTIFEX MAXVMVS TRIB(unicia) POT(estate) [...] IMP(erator) [...] CO(n)S(ul) [...]. No caso vertente, a palavra FECIT poderia figurar antes de EMERITE e do número de milhas.

⁽⁴⁾ Num futuro, quiçá não muito longínquo, a radiografia da peça ou a sua fotografia com películas apropriadas poderão permitir que se faça a 'leitura' do primitivo texto.

115

MILIÁRIO DE SEVERO ALEXANDRE EM CAMPO MAIOR

Na cópia manuscrita — começada por António Carvalho a 26 de Dezembro de 1918 — de uma Memória apresentada à Academia Real da História Portuguesa por Estêvão da Gama de Moura e Azevedo, em data que, por enquanto, não sabemos precisar, e que tem por título Notícias da antiguidade, aumento e estado presente da vila de Campo Maior, tiradas de A. A. papéis autênticos e tradições antigas, e conservadas na memória de seus naturais (1), alude-se, na pág. 2, a uma coluna cuja ponta «se descobria» junto da ermida de S. Pedro, desta vila, a qual «fizemos desenterrar e levantar como hoje se vê», para usarmos da sua expressão. A pedra, que media onze palmos de comprido e dois e um quarto de diâmetro, fora — por requisição feita em 1749 — guardada «no pátio ou cavalariça das casas de D. João de Aguilar Meira».

«As letras que estavam para baixo se lêem sem equivocação», afirma o académico; «porém, as que estávam descobertas estão gastadas pela aplicação dos golpes que, com outras pedras, lhe davam os ignorantes».

Agradeço a Rogério Carvalho ter-me dado a conhecer este manuscrito.

A leitura apresentada (vide reprodução) é a seguinte:

I.M.P.CAES
M.....SEVERVS
.....EIVSEELIX....
PONTI.EEXMAXIMVS
TRIB.POTES.P.P.COS
PROCONSVL FECIT.
LIII.

Não conseguimos, ainda, identificar esta informação com outras referentes à mesma região, de modo que não garantimos que se trate de miliário inédito. Por outro lado, o monumento parece ter desaparecido ou, pelo menos, ainda não foi recuperado. Em todo o caso, a importância do texto justifica que, mesmo correndo o risco de não-ineditismo, o incluamos aqui.

Trata-se, sem dúvida, de um miliário do tempo do imperador Severo Alexandre, cujo nome foi martelado em consequência de damnatio memoriae — daí a expressão utilizada por Moura e Azevedo «... gastadas pela aplicação dos golpes que, com outras pedras, lhe davam os ignorantes». Só, que nesta circunstância, não teriam sido propriamente ignorantes os autores dos golpes...

É, pois, a seguinte a nossa hipótese de reconstituição, com base nos elementos transcritos:

IMP(erator) . CAES(ar) / M(arcus) . [AVRELIVS] . SEVERVS / [ALEXANDER] . PIVS FELIX [AVG(ustus)] / PONTIFEX MAXIMVS / ⁵ TRIB(unicia) . POTES(tate) . P(ater) . P(atriae) . CO(n)S(ul) / PROCONSVL FECIT . / (milia passuum) LIII (tres et quinquaginta)

O imperador César Marco Aurélio Severo Alexandre, Pio, Feliz, Augusto, Pontífice Máximo, dotado de poder tribunício, Pai da Pátria, cônsul, procônsul, fez.

Cinquenta e três milhas.

Se tiver sido propositada a ausência de menção ao número do consulado, o miliário data de 222-225, pois que Severo Alexandre assumiu em Janeiro de 226 o segundo consulado.

Não é o único miliário de Severo Alexandre atestado nesta região da Lusitânia. Na província espanhola de Cáceres, registamos, pelo menos, mais dois e ambos com damnatio memoriae (2).

Cinquenta e três milhas seria, pois, a distância daqui até Emerita, pela via que unia Scallabis à capital da Lusitânia (³). Esta é, pois, uma precisão do maior interesse histórico.

José d'Encarnação

I.M.P.CAE\$

M....SEVERV\$

....EIVSEELIX...

PONTIEEX MAXIM VS

TRIB.POTES.P.P.COS

PROCONSVL FECTT:

LIII.

Reprodução do texto como vem no manuscrito

⁽²) Ricardo Hurtado de San Antonio, por exemplo, refere-os, no seu Corpus Provincial de Inscripciones Latinas, sob os n.ºs 694 e 695. Foram encontrados em Carcaboso e pertencem, portanto, à chamada Via da Prata. Com o n.º 703, é indicado um outro que, na opinião (aí expressamente citada) de J. M. Blázquez, estaria «en el jardín de la antigua casa parroquial de Oliva de Plasencia». Julgamos que se trata do mesmo miliário antes incluído com o n.º 694, porque o texto é muito semelhante e a referência do CIL II (4660) é a mesma.

⁽³⁾ Sobre esta via, cf. por exemplo, Jorge Alarcão, Portugal Romano, Lisboa, 31983, p. 79-81.

EPITÁFIO DE CALAETICA, DE VILA BOIM

Гото 116

Placa funerária, de mármore branco tipo Estremoz-Vila Viçosa, encontrada, em finais de 1986, numa sepultura já destruída (mas donde se puderam ainda recolher ossadas) na Herdade da Camugem, freguesia de Vila Boim, concelho de Elvas (1).

Praticamente intacta, a placa apresenta campo epigráfico rebaixado em relação à moldura que é de gola encurtada com ranhura exterior e diagonais marcadas nos cantos, como as demais placas da mesma área.

Dimensões: $49.5 \times 68 \times 6.5$. Campo epigráfico: 33×51 .

CALAETICA (hedera) LVCI (hedera) / F(ilia) (hedera) SEVERA (hedera) ANN(orum) . XV (quindecim) (hedera) H(ic) . S(ita) . E(st) . S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(evis) / Q(uintus) (hedera) CORNELIVS . / 5 VITVLVS . CONIVGI / SVAE (hedera) D(edicavit) . P(onendum) . C(uravit) (hedera) .

⁽¹) O achado foi-me gentilmente comunicado pelo director do Serviço Regional de Arqueologia do Sul, Dr. Caetano de Mello Beirão, através do ofício 555/86, de 18 de Dezembro de 1986. A fotografia que acompanha este trabalho foi-me também cedida pelo Serviço, o que penhoradamente agradeço.

Recorde-se que da Herdade da Camugem procedem várias placas funerárias romanas: IRCP 585, 592, 594 e 597.

Aqui jaz Calética Severa, filha de Lúcio, de quinze anos. Que a terra te seja leve. Quinto Cornélio Vitulo dedicou à sua mulher e mandou colocar.

Altura das letras: l. 1 a 3: 4/4,3; l. 4 a 6: 3,3. Espaços: 1 a 6: 1; 7: 4.3.

Paginação com alinhamento à esquerda. Pontuação com efeito decorativo, que usa 'heras' em forma de ↓ ou pontos triangulares, nem sempre sendo possível distinguir se houve ou não pecíolo; de todas, a maior é a do início da l. 4.

Caracteres actuários, de um modo geral verticais e de vértices terminados com cuidado (numa reminiscência, diríamos, da capital quadrada). Note-se: a barra levantada do L (de LVCI) — resultado, decerto, de lapso do *ordinator*, que terá grafado I em vez de L —, a perna alongada do R, a haste comprida (toca o T da linha seguinte) do O, o G a enrolar para dentro, O bem circular.

O dedicante identifica-se com os tria nomina mas sem a indicação da filiação, o que, apesar do carácter latino dos nomes adoptados (²), deixa transparecer a sua qualidade de indígena recentemente romanizado. Essa incipiente romanização está, porém, bem patente na identificação de sua mulher: Calaeticus — que nos surge aqui pela primeira vez, segundo cremos — é gentilício formado a partir do antropónimo indígena Calaetus (³); o patronímico, embora latino, é dado por extenso. Estas características são, de resto, comuns aos outros textos desta necrópole, onde a onomástica latina usada à maneira indígena se mistura com a identificação de pessoas à maneira romana e inclusive com onomástica bem latina: vejam-se, por exemplo, os casos de Cn. Marcius Naso (IRCP 592) e Sex. Soius Quartio (IRCP 597).

⁽²) Cornelius é gentilício frequente nesta parte da Lusitânia — cf. IRCP, p. 861. Vitulus, apesar de etimologicamente latino, é muitas vezes usada na Lusitânia em contexto indígena: aos exemplos registados no índice de ILER (p. 766) acrescente-se IRCP 608 da vizinha Ammaia.

⁽³⁾ Calaetus documenta-se, nomeadamente, numa estela de Cória (ILER 4353) e num cipo de Egitânia (ILER 6244). Calaeticus inclui-se no número de gentilícios terminados em -icus: cf. exemplos do conventus Pacensis em IRCP, p. 882.

A gens Cornelia não é desconhecida nesta área: na igreja de S. João Baptista, em Vila Boim, ter-se-ia encontrado a epígrafe, hoje desaparecida, de Cornelius Gallus (IRCP 584).

Estranha-se a juventude da esposa, falecida aos quinze anos. Não está ainda completo o estudo das ossadas que se recuperaram juntamente com a lápide — mas, segundo me informaram, não parecem ser de uma jovem. De resto, também não podemos garantir que sejam esses os restos mortais de Severa. Em todo o caso, não será despicienda a hipótese de ter havido, da parte do ordinator, má interpretação do habitual nexo cursivo formado pelo X com o L — quarenta e cinco anos seria, de facto, mais plausível.

Fora do comum é, igualmente, a fórmula final D. P. C., que não encontrámos registada na Península Ibérica (cf. CIL II, p. 1175). A interpretação que sugerimos realça o natural hibridismo de um texto que detém simultaneamente características funerárias e honorificas.

A paleografia, a tipologia do monumento e a simplicidade do formulário (com destaque para a ausência de invocação aos Manes) sugerem uma datação da segunda metade do séc. 1 da nossa era.

José d'Encarnação



Гото 116

117

PLACA FUNERÁRIA DO REDONDO

Гото 117

Estela funerária completa, de ardósia, encontrada, sem qualquer contexto arqueológico, em finais de 1986, quando se lavrava o terreno da propriedade chamada «Courelas do Zambujeiro», freguesia e concelho do Redondo. Ficou na posse de José Porto, residente no Redondo (¹).

Foi aproveitada para a inscrição uma placa de contornos irregulares: apenas o canto inferior esquerdo é, sensivelmente, em ângulo recto, porque só as arestas lateral esquerda e inferior são rectilíneas; a superior obliqua em sentido ascendente da esquerda para a direita; a da direita é sinuosa. Saltaram algumas lascas aqui e ali, designadamente ao nível do H e do S da l. 4, não dificultando, porém, a leitura.

Dimensões: $34 \times 58,5 \times 4$.

 $\mathbf{C}(aius)$. IVLIVS / PENTI / F(ilius) . TVRPIO / H(ic) . $\mathbf{S}(itus)$. $\mathbf{E}(st)$

Aqui jaz Gaio Júlio Turpião, filho de Pêncio.

⁽¹⁾ A sua existência foi-me gentilmente comunicada pelo director do Serviço Regional de Arqueologia do Sul, Dr. Caetano de Mello Beirão, através do ofício 110/87, de 25 de Fevereiro, que também teve a amabilidade de me fornecer dados concretos sobre o monumento. A fotografia que ilustra o trabalho é igualmente do Serviço Regional. Por tudo isto, o meu reconhecimento.

Altura das letras: l. 1 a 3: 8 (aproximadamente); l. 4: 4,5. Espaços interlineares: 1.

Paginação cuidada, com alinhamento à esquerda e linhas de pauta duplas que enquadram superior e inferiormente as linhas, à excepção da última, onde a aresta terá exercido essa função auxiliar da escrita. Na fórmula final, houve uma certa preocupação de simetria.

Caracteres actuários com a forma habitual neste tipo de suporte xistoso: muito alongados, ducto irregular, barras horizontais breves, vértices sublinhados. O V é bastante aberto, com os traços praticamente sem se tocar; C e N muito abertos também; P quase em forma de Y (gama maiúsculo), apenas dele diferindo pela ligeira curvatura da haste; R assimétrico: pança breve, perna alongada e rectilínea; S de curvaturas pouquíssimo acentuadas.

O defunto identifica-se como indígena romanizado: praenomen (Caius) e nomen (Iulius) sugerem, por serem os nomes de C. Iulius Caesar, os primórdios da ocupação romana.

Turpio é cognomen latino, cuja conotação republicana também não é despicienda: Kajanto (²) cita L. Ambivius Turpio, histrião da idade de Terêncio, Antistius Turpio, da época de César, o liberto P. Naevius Turpio dos finais da República, período em que os libertos também adoptaram esse nome (³).

O patronímico *Pentius* é antropónimo de origem pré-romana, porventura oriental (não-céltica), que se atesta, por exemplo, em território dos Vadinienses (ILER 3491 e 5436). Maria de Lourdes Albertos (4) aponta-o como não documentado na Lusitânia — infor-

⁽²⁾ The Latin Cognomina, Helsinki, 1965, p. 286.

⁽³⁾ Na Península Ibérica, registamos A. Publicius Turpio num epitáfio de Alcalá del Río (CIL II 1401 = ILER 2663); e, na época de Trajano, tem esse cognome um procurador da Lusitânia e da Vetónia, M. Calpurnius Seneca Fabius Turpio Sentinatianus, natural de Ilipa, na Bética, que consagra uma estátua de prata a Juno Regina (CIL II 1267 = ILER 363) e é homenageado pela população (CIL II 1178 = ILER 1475), após brilhante carreira militar. Cf., a este propósito, o esquema biográfico apresentado por P. Le Roux (L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409, Paris, 1982, p. 299, n.º 3 do quadro).

⁽⁴⁾ La onomástica personal primitiva de Hispania, Salamanca, 1966, p. 180.

mação que ora se corrige, pois temos, inclusive, outro exemplo na Egitânia (5). Justo será, pois, realçar a importância do texto pelos testemunhos onomásticos que apresenta.

A tipologia do monumento, a paleografia, o formulário (ausência de invocação aos Manes e do voto final S. T. T. L.), a antroponímia adoptada e a indicação da filiação mediante um nome indígena — apontam para datar a epígrafe dos finais do século 1 a.C. ou, quando muito, dos primórdios do século 1 d.C.

José d'Encarnação



Гото 117

⁽⁵⁾ Cf. Almeida (Fernando de), Egitânia, Lisboa, 1956, p. 211, n.º 109.